

MULHER, CIÊNCIA E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: O Protagonismo das Mulheres Pesquisadoras no IFAC

Irla de Oliveira Vidal¹
José Marlo Araújo de Azevedo²
Hellen Sandra Freire da Silva Azêvedo³

RESUMO

Considerando que o Instituto Federal do Acre (Ifac) completa sua primeira década de existência, é importante ampliar o olhar sobre a participação feminina nas produções científicas da instituição e, a partir dos resultados, orientar políticas institucionais relacionadas ao incentivo à participação de mais mulheres na pesquisa, no empreendedorismo e na inovação. Assim, esta pesquisa teve como objetivo analisar o protagonismo histórico das professoras doutoras do Ifac. Foi utilizado como metodologia a investigação narrativa, com abordagem teórica qualitativa e com procedimento exploratório e investigativo apoiado pelo estudo de caso. As entrevistas via questionário centraram-se na análise de conteúdo de Bardin (2016). O estudo revelou que, apesar do avanço feminino nos espaços científicos, e do sentimento de realização profissional como cientista na Rede Federal de Ensino, ainda há a necessidade de um profundo olhar para a equidade de gênero no campo profissional e científico, por meio de políticas públicas em apoio às mulheres. Consideram-se desafios, como a maternidade, visto que há a necessidade de uma maior extensão no processo de execução de suas atividades nos projetos de pesquisa. Assim, a temática ajuda na divulgação no campo científico para visibilidade feminina na ciência, a partir das instituições como fonte de valorização para carreiras vinculadas ao desenvolvimento do ensino, pesquisa e extensão na EPT.

Palavras-chave: Ciência; Realização Profissional; Visibilidade.

WOMEN, SCIENCE AND PROFESSIONAL EDUCATION: THE LEADING ROLE OF WOMEN RESEARCHERS AT IFAC

ABSTRACT

Considering that the Federal Institute of Acre - Ifac completes its first decade, it is important to broaden the perspective on female participation in the institution's scientific productions, and based on the results, guide institutional policies related to encouraging female participation in research, entrepreneurship and innovation. This research aimed to analyze the historical protagonism of Ifac's female professors with a doctoral degree. The methodology used was a narrative research with a qualitative theoretical approach and an exploratory and investigative procedure supported by a case study. The analysis of the interviews via questionnaire was based on Bardin's (2016) content analysis. The study revealed that despite the advancement of woman in scientific spaces and the feeling of professional fulfillment as a scientist in the Federal Education Network, there is still a need for an in-depth look at gender equity in the professional and scientific field through public policies in support of women. Challenges such as motherhood are considered as they require greater extension in the process of carrying out their activities in research projects. Thus, this topic helps to promote female visibility in science within institutions as a source of appreciation for careers linked to the development of teaching, research and extension in EPT.

Keywords: Science; Professional achievement; Visibility.

Submetido em: 21/1/2024

Aceito em: 23/6/2024

Publicado em: 15/8/2024

¹ Instituto Federal do Acre. Rio Branco. Rio Branco/AC, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-5912-1462>

² Instituto Federal do Acre. Rio Branco. Rio Branco/AC, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-8686-4915>

³ Centro Educacional Marília Sant'ana – Escola SESI - Rio Branco/AC, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-1682-7232>

INTRODUÇÃO

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre (Ifac) surgiu a partir da nova institucionalidade da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT), por meio da Lei nº 11.892/2008 e, assim, a partir dessa organização, trouxe a instituição do Ensino Médio Integrado (EMI) à Educação Profissional e Tecnológica (EPT), com base no Trabalho, como Princípio Educativo, e na Pesquisa, como Princípio Pedagógico, consolidando a Iniciação Científica (IC) que, além de funcionar como ferramenta pedagógica, auxilia como suporte para inclusão social, criando um ambiente de desenvolvimento educacional e humano para novas experiências de aprendizagens.

Conforme Giroto, Giroto e Balke (2022), a reordenação na EPT no Brasil, trazida na nova identidade da RFEPCT para os Institutos Federais (IFs), trouxe como aspecto principal a democratização e a ressignificação dos espaços educacionais, na disseminação do conhecimento científico. Segundo Souza e Neta (2021), a expansão da RFEPCT ocasionou inclusão social e desenvolvimento humano, pautado no viés político do desenvolvimento econômico regional e local, objetivando a redução das desigualdades sociais, em todas as mesorregiões brasileiras.

Para Moraes *et al.* (2022), a expansão da Rede Federal de Educação no Acre oportunizou a perspectiva de desenvolvimento técnico e tecnológico local e regionalmente, viabilizando 50% das vagas ao Ensino Médio Integrado – EMI –, vinculado a uma formação omnilateral, como travessia para a superação da dualidade educacional. De acordo com Moraes (2022), alguns buscam no Ifac uma instituição de ensino estruturalmente confortável e com um bom quadro de docentes. Contudo, sem compreender o que realmente significa o Ensino Médio Integrado à EPT, com viés na pesquisa e extensão, bem como a perspectiva de ensino verticalizado.

A partir de uma pesquisa de mestrado concentrada na linha de *Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica* (EPT), o objetivo desse estudo foi analisar o protagonismo histórico das professoras doutoras do Ifac. Na oportunidade, a partir das falas, verificaram-se relatos de fatos históricos e profissionais da carreira docente no Ensino Básico Técnico Tecnológico (EBTT), passando pela Iniciação Científica (IC) ou pela ocupação de cargos administrativos na instituição, após a implantação do Ifac, no Estado do Acre, em 2010. Assim, considerando que o Ifac contabiliza 146 docentes do sexo feminino, dentre as quais foram identificadas 31 professoras doutoras, que também atuam como líderes de grupos de pesquisa. Nesse âmbito, dados institucionais revelaram o protagonismo das professoras doutoras na coordenação de projetos de Iniciação Científica (2010-2020), assim como as dificuldades e os desafios relatados pelas respondentes.

Foi uma pesquisa idealizada por meio de suas expressões para dar visibilidade aos anseios e aos desafios enfrentados por mulheres na busca pela igualdade e pela equidade de gênero, numa proposta lúdica de aprofundar o conhecimento sobre a participação feminina na Iniciação Científica, além de fomentar o engajamento de meninas e de mulheres na pesquisa científica a partir do Ensino Médio, com destaque para os Institutos Federais, considerando as políticas afirmativas institucionais, com

base na formação omnilateral, no ensino verticalizado, no desenvolvimento sustentável e na justiça social.

Um passo importante, considerando que Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), ao longo do tempo, vem intensificando na promoção da IC para as redes de ensino federal, do mesmo modo o Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (Conif) vem nutrindo apoio institucional ao IFs que estabelecem ações afirmativas para a equidade, principalmente, ao destacar a trajetória de mulheres de referência em suas instituições (CONIF, 2023).

Dessa maneira, com base nas falas das professoras doutoras do Ifac, considerando a abordagem que reflete a desigualdade de gênero, frisa-se também a importância de discutir os efeitos do excesso de trabalho sobre as mulheres, o que se intensificou no atual cenário, com a chegada da pandemia em 2020. Pode ser vista como uma possibilidade de profunda reflexão sobre a necessidade real de mudanças nas estruturas sociais que historicamente conceberam e validaram as desigualdades de gênero que afetam bastante a vida das mulheres (Guimarães; Daou, 2021).

METODOLOGIA

O estudo ancora-se metodologicamente na investigação narrativa, com abordagem do objeto de investigação qualificada como teórica qualitativa. De acordo com Lüdke e André (2012, p. 11-12), é cada vez mais procurado por profissionais de educação, possuindo o “ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento”. Tem-se como objeto um procedimento exploratório e investigativo apoiado pelo estudo de caso. Para Lüdke e André (2018), por meio desse método, pode-se “compreender melhor a manifestação geral de um problema, as ações, as percepções, os comportamentos e as interações das pessoas devem ser relacionadas à situação específica onde correm ou à problemática determinada a que estão ligadas” (Lüdke; André, 2018, p. 21-22). Assim, o objetivo deste estudo foi analisar o protagonismo histórico das doutoras pesquisadoras na Ciência e do Ifac, com destaque para a produção científica.

Para consolidação da pesquisa, foi enviado um questionário semiestruturado com perguntas abertas e fechadas, via ferramenta *Google Forms*, para 31 professoras doutoras do Ifac. Em anexo, foi adicionado o termo de consentimento livre esclarecido – TCLE – com a solicitação de aceite em participar da pesquisa. Desta forma, o questionário estruturado foi enviado às pesquisadoras em dois (2), a saber, o primeiro formulário destacava Mulheres e Ciência: Família e Vida Pessoal, e o segundo, abordava a relação da Mulher Professora e Pesquisadora do Ifac.

Quadro 1 – Esquematização do questionário

Eixo Temático	Perguntas
Mulheres e Ciência: Família e Vida Pessoal	1 a 7
Mulher Professora e Pesquisadora do Ifac	1 a 9

Fonte: Elaborado pelos autores,

Desse modo, a aplicação do questionário da pesquisa objetivava conhecer melhor o perfil das professoras e obter outras informações que fossem pertinentes, visando incluir ou excluir novos dados sobre suas produções. Assim, os dados foram reunidos e analisados a partir da Análise de Conteúdo (AC) de Bardin (1977), conforme interpretação de Moraes (1999), por meio de categorias temáticas. As categorias foram construídas com base nas respostas, opiniões, e presença de frases que tiveram relação com os conteúdos indagados na perspectiva de responder ao problema e ao objetivo da pesquisa, ou seja, analisar o protagonismo das doutoras pesquisadoras na Ciência e do Ifac.

Ressalta-se que a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – Cep do Instituto Federal do Acre, Rio Branco – AC, Brasil, sob protocolo nº. 5.833.559. Às participantes, foi assegurado o anonimato, para garantir a imparcialidade das respostas, e a participação na pesquisa foi facultativa. Todas as participantes da pesquisa preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE – em 2 vias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como forma de apresentar a importância das mulheres pesquisadoras na Ciência e no Ifac, e a historicidade construída para serem reconhecidas por suas produções científicas e profissionais, foram analisadas 16 questões relacionadas ao perfil das professoras doutoras e sua trajetória como pesquisadoras no Ifac. O questionário foi enviado para 31 doutoras do Ifac, sendo respondido por 16 doutoras, entre todos os *campi*, que atuam como docentes, desde 2010. Para preservar o anonimato das pesquisadoras, mencionou-se na ordem das entrevistas recebidas a partir do *e-mail*, as letras “PD”, que representa “professora doutora” como sujeito da pesquisa.

Mulheres e a ciência: família e vida pessoal

Conforme mencionado, o questionário foi dividido em dois eixos, sendo o primeiro relacionado à participação da mulher na pesquisa científica e a relação profissional com a vida pessoal. Nesse aspecto, ao considerar a pergunta inicial “O que representa ser cientista para você?”, foi relatado pelas pesquisadoras que ser cientista é também uma forma de ampliar o conhecimento científico na busca por soluções e mecanismos que possibilitem o desenvolvimento das sociedades, embora esteja alicerçado nos desafios cotidianos que envolvem a ciência. Significativamente, também ficou evidenciado na pesquisa a sensação de pertencimento como cientista ao observar quatro de suas falas, como:

[...] testar coisas novas e um desafio de fazê-lo sem muito apoio ou orientação. (PD 1).

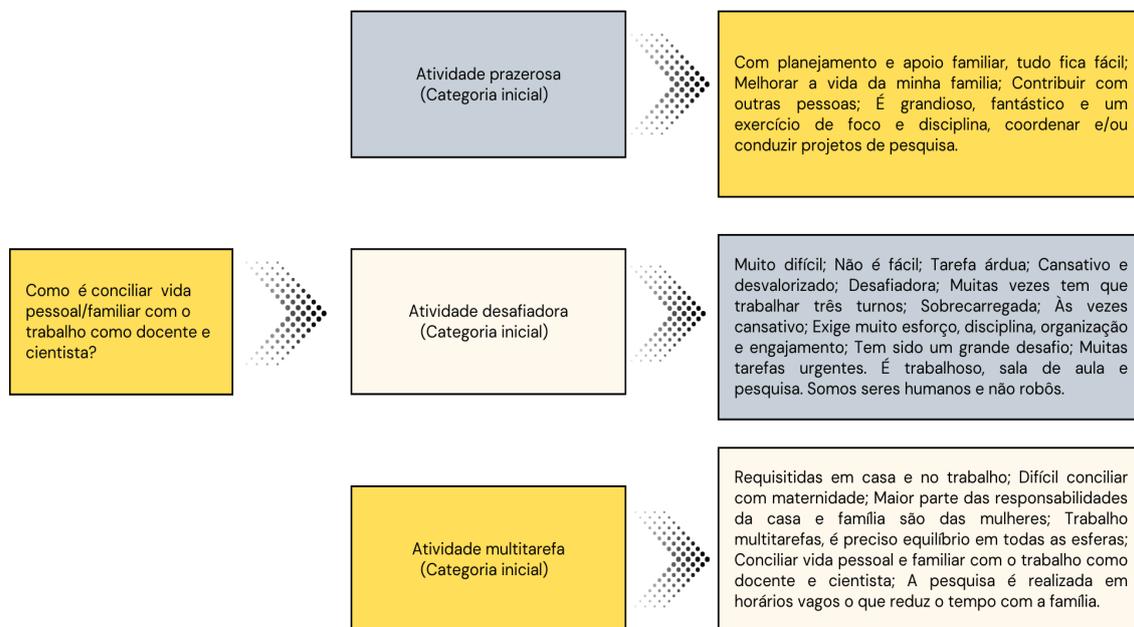
[...] contribuição inédita para uma área do conhecimento. Melhorar a vida em sociedade. [...] conseqüentemente, o desenvolvimento nacional [...]. (PD 5).

Contribuir para uma sociedade melhor na qual o conhecimento não seja privilégio da elite (PD 8).

[...] ser cientista significa disposição e gosto para investigar e para se libertar de julgamentos, estando preparada para o inesperado. (PD 6).

Quanto ao segundo questionamento, optou-se por agrupar as respostas, pela semelhança das falas das pesquisadoras, em três categorias temáticas: atividade prazerosa, atividade desafiadora e atividade multitarefa (Figura 1).

Figura 1 – Como é conciliar vida pessoal/familiar com o trabalho como docente e cientista, segundo as pesquisadoras doutoras do Ifac



Fonte: Resultados da pesquisa, 2023.

Nessa temática, a partir da seleção das respostas, denotou-se, entre as respondentes da pesquisa, expressões semelhantes que inferem grau de satisfação pessoal e de importante realização profissional, para além da contribuição com a sociedade. Sobre essa acepção, Gonçalves e Reis (2021) definiram que cada indivíduo possui seu próprio juízo de valor do que seja ciência, considerando suas experiências individuais, nas quais foram delineados socialmente.

Conforme as expressões citadas, as participantes consideraram uma espécie de batalha ainda bastante desafiadora e estressante devidos às intempéries atribuídas às mulheres, sobretudo, afirmaram que a maternidade tem sido um dos obstáculos que permeiam o desenvolvimento de suas carreiras, apesar do crescimento da representatividade feminina no campo da ciência ao longo do tempo. Pode-se corroborar o desafio imposto às mulheres ao conciliarem a vida profissional e pessoal. Porém, ressalta-se que a pesquisa busca apresentar apenas o “sentimento” individual das respondentes, conforme a temática apresentada.

Segundo Silva e Ribeiro (2014), a historicidade da construção profissional das carreiras femininas foi marcada pela dualidade entre as responsabilidades familiares e as imposições da profissão. Assim sendo, corroborando as respostas narradas pelas professoras doutoras do Ifac, pode-se verificar que, segundo a pesquisa apresentada por Silva e Ribeiro (2014), ainda é uma situação cotidiana e alimentada ao longo da vida das mulheres, pois elas sempre tiveram que:

[...] se defrontar com um conjunto de “barreiras” para seguir a carreira científica, que se refere: à dupla jornada de trabalho, à maternidade, à produtividade em pesquisa, [...] discriminação de gênero (Silva; Ribeiro, 2014, p. 464).

No que se refere ao protagonismo das pesquisadoras quanto à maternidade, conforme a bibliografia de Almeida, Ribeiro e Vilaça (2020), esse aspecto ainda soa como um obstáculo na carreira, inquietando o público feminino, visto que, em algum momento, elas terão que fazer escolhas. Isso caracteriza uma assimetria entre gêneros, pois essa atitude não faz parte do universo masculino, quando homens decidem tornar-se pais. Ainda segundo as autoras,

[...] isso poderá representar um obstáculo para a continuidade da produção científica entre as mulheres, apesar do avanço e da histórica luta do feminismo para ampliar os espaços femininos no mundo público (Almeida; Ribeiro; Vilaça, 2020, p. 107).

As professoras doutoras também frisaram que as mulheres ainda sofrem com a diminuição dos espaços femininos enquanto cientistas brasileiras, que isso se deve a aspectos como maternidade, por exemplo, o que ficou evidente na “*ádua jornada feminina*” e que os “*homens não possuem as pressões do trabalho doméstico*”, sob esse contexto, caracterizando-se como assimetria de gênero de acordo com a fala da PD 3.

Segundo Gonçalves e Reis (2021), as assimetrias de gênero estão ligadas aos homens e mulheres no que diz respeito às desigualdades, sejam elas sociais, políticas, profissionais etc. É a partir dessa reflexão de pensamento que mergulhamos nos processos investigativos para identificar essas assimetrias e quais são suas percepções acerca desse fator (Gonçalves; Reis, 2021).

Com base nas afirmações das participantes, é possível compreender a existência de um hiato, o qual remete que ainda há muito a refletir sobre as mulheres, mães e pesquisadoras no contexto institucional, na busca de políticas públicas afirmativas que visem o seu bem-estar como profissionais docentes ou em quaisquer outras profissões. Tal fato se coaduna com a versão de Almeida, Müller e Hogemann (2022), segundo a qual as mulheres possuem uma produtividade formal elástica ao comparar-se com os homens, pois socialmente estão condicionadas em posições desiguais, no acúmulo laborativo doméstico e cuidados com os filhos. Infelizmente, essa função não é requisitada e nem aparece no *Lattes* de nenhuma pesquisadora que busca conciliar a vida de pesquisadora produzindo ciência e a maternidade.

Assim, considerando o terceiro questionamento (Como vê a inserção das mulheres no campo da ciência e no Ifac?), verificou-se que as afirmações das professoras doutoras se mesclaram entre um sentimento com caráter afirmativo carregado por criticidade em relação ao Instituto Federal do Acre e suas atividades laborais no campo da pesquisa científica. Significativamente, foram observadas algumas expressões citadas que evidenciam a percepção das pesquisadoras quanto a sua inserção na ciência e no Ifac.

Vejo que ocupamos importantes espaços. Estamos na pesquisa, extensão, ensino e gestão (PD 1).

Vejo a inserção da mulher no campo da ciência como um avanço. Todavia, ainda, é necessário que isso tenha uma maior divulgação do papel da mulher e as pesquisas que elas realizam (PD 8).

Vejo como positiva e efetiva, pois as mulheres estão sempre preocupadas em solucionar questões e desafios que são apresentados pela realidade (PD 12).

Acho que as servidoras do IFAC têm participação significativa no campo da ciência (PD 15).

Ademais, ao olhar para suas atividades laborais no Ifac, conforme foi expressa por 4 participantes, sentem-se desvalorizadas e afirmaram que ainda é necessário haver maior incentivo à produção acadêmica, infraestrutura e financiamento. As percepções das participantes, que se caracterizam como uma situação desconfortável, corroboram-se nas principais expressões citadas, tais como:

[...] é mais complicado para a mulher, conciliar trabalho e família. Ainda vivemos numa sociedade machista. (PD 5).

Ainda muito fraca. [...] acredito que no Ifac [...] é preciso encontrar formas para melhorar a produção acadêmica, sobretudo no que se refere a recursos financeiros, infraestrutura e disponibilidade de carga horária. Vejo que muitas professoras têm vontade e capacidade de realizar muitas atividades de cunho científico, mas acabam desmotivadas pelas questões já citadas (PD 7, grifo nosso).

Acho que tem pouco incentivo para produção científica no IFAC, as poucas que existem não são ações privilegiando o público feminino (PD 11).

Precisa ser mais valorizado. Esse recorte de valorização da mulher só ocorre na prática institucional, no dia das mulheres e no dia das mães. Ainda bem que temos grupos de mulheres que insistem e teimam em manter a mente em lugar ativo. Penso que o ambiente não prioriza as mulheres. Infelizmente. Mas resistimos (PD 13).

Ao observar a fala da PD 7, percebe-se que ela se assemelha ao desafio docente apresentado na pesquisa de Silva *et al.* (2020), ao referir-se ao docente atuante da Rede Federal de Educação, que tem por concepção ser um trabalhador multifuncional, que, por vezes, tende a encarar alguns enfrentamentos profissionais que emergem da educação básica a superior, o que acarreta o aumento da jornada de trabalho e menor rendimento no seu desempenho profissional.

A Resolução Consu/Ifac nº 116/2022, de 21 de dezembro de 2022, que trata do Regulamento Acadêmico Docente, prevê no “Art. 4º. I – estimular e valorizar a produção acadêmica nas atividades de ensino, pesquisa e extensão, bem como a participação em atividades de gestão e representação” (Ifac, 2022). Nesse sentido, há professores que, além das atividades ligadas à docência, concomitantemente atuam em cargos de gestão da instituição, o que a resolução supracitada, em seu Art. 5º estabelece “I – quarenta horas semanais de trabalho, em tempo integral, com dedicação exclusiva, às atividades de ensino, pesquisa, extensão e/ou gestão e representação institucional” (Ifac, 2022).

Na sequência das análises das respostas das participantes, quanto ao questionamento “Você considera que o processo de adesão das mulheres no campo da ciência ainda é considerado ‘lento’, e a falta de equidade entre gêneros contribuíram para essa condição?”, percebeu-se uma associação com as questões anteriores, ou seja, houve similaridade quanto às expressões citadas, de acordo com categoria inicial apresentada na Figura 1 (desafiadora, multitarefa), nas quais acenaram para as assimetrias de gênero, conforme três das falas citadas abaixo:

Vejo uma inserção cada vez maior das mulheres na pesquisa. Muitas, devido à diferentes atribuições com filhos com certeza, devem desprender uma energia e organização muito maior para manter suas produções (PD 9).

Sim, acho que outras questões femininas são determinantes para a não participação das mulheres nas produções científicas. A paternidade, normalmente, não impede o homem de ser cientista, já no caso das mulheres (PD 11).

Sim é lento e concordo que falta equidade (PD 2).

Portanto, vislumbra-se repensar numa sondagem institucional para melhor conhecer os anseios femininos na busca do desenvolvimento de políticas públicas com foco na mulher. De acordo com as docentes respondentes, institucionalmente o Ifac ainda não desenvolveu uma política interna de incentivo, a fim de engajar as mulheres nas produções acadêmicas.

Motta e Fiúza (2002) afirmaram que estudos de gênero e de ciência cresceram significativamente. Contudo, ainda é necessário um alargamento nos debates em todas as esferas e acenar para uma sinergia entre as discussões que precisam ter continuidade. Ou seja, é necessário colaborar com a implementação de políticas públicas e inovação de projetos com foco em proporcionar a participação das mulheres na ciência. É necessário também colaborar com a oferta de condições de oportunidade e de permanência, principalmente quanto à maternidade. As participantes também consideraram ser necessário haver uma maior interação nos debates sobre a inserção da mulher na ciência, a equidade de gênero e a difusão das informações para conhecer os trabalhos de outras profissionais.

Em relação ao questionamento “Você considera que há áreas tipicamente femininas? Se sim, cite-as?”, verificou-se que as 16 participantes tiveram afirmações homogêneas ao discordar da ideia de que existem áreas tipicamente femininas, conforme a seleção de algumas expressões.

[...] podemos assumir qualquer atividade. Acredito que não seja uma questão de inteligência, mas disponibilidade para se dedicar. Algumas áreas ainda, por terem mais homens, como a engenharia (minha formação) ainda excluem muitas colegas. Em alguns casos, o assédio (sexual ou moral) também limitam essa participação (PD 1).

Acredito que isso é um estigma que deve ser quebrado. Embora haja áreas nas quais realmente vemos uma maior quantidade de homens, considero que isso é uma questão de oportunidades, pois às mulheres ainda é imposta uma série de atribuições que nem sempre são atribuídas aos homens (PD 8).

Não. Lugar de mulher é onde ela quiser estar ou chegar! (PD 14).

Em suas afirmações, as participantes relataram situações em que há maior abertura para as carreiras femininas, como a áreas de Ciências Humanas, especialmente para cursos em licenciaturas. Para Waner-Maraquito *et al.* (2022), isso demonstra um fator baseado em estereótipo de gênero na sociedade e no cenário discursivo entre os sexos, pautado nas ideias dicotômicas entre ambos quanto a sua inteligência. Ressaltando que, nessa situação, as mulheres foram vistas como intelectualmente menos capazes do que os homens, o que serviu de alicerce para justificativas que alimentaram a exclusão feminina da Ciência e de outros empreendimentos humanos (Waner-Maraquito *et*

al., 2022). Nesta perspectiva, quanto ao questionamento: “Já recusou algum cargo ou outra oportunidade de trabalho (como trabalhar em outra universidade ou estudar no exterior, ir a congressos, viagens) por dificuldades em conciliar família e trabalho? Considere a maternidade e afins”.

Sim. Precisei e ainda preciso negar ofertas e viagens a trabalho por conta da família, pois não temos uma rede de apoio dos familiares morando perto para auxiliar, o que dificulta ainda mais (PD 3)

Sim, quando se refere à oportunidade de trabalho, pois sempre procurei trabalhar e fazer concurso em lugares onde a família pudesse ser inserida. Quanto a eventos, não, sempre tive o apoio da família no quesito aperfeiçoamento (PD 5)

Sim. Já deixei um cargo em comissão, pois exigia muitas horas de dedicação, e isso tirava meu tempo com a minha família (PD 8)

Sim. Algumas participações em congressos, tanto minhas como do pai foram adiadas por um tempo em função dos cuidados com o filho (PD 9)

Sim. Após a graduação fui convidada para pós-graduação na Unicamp e não pude ir, na ocasião, meu filho tinha apenas 2 anos de idade e eu morava em outro estado (PD 11)

Sim. Durante a infância do meu filho larguei a gestão de uma importante pasta no governo estadual. E, durante todo o processo de infância dele, as viagens eram sincronizadas e cuidadosamente programadas, para que ele não ficasse sozinho (PD 13)

Verificou-se que, conforme as respostas relacionadas às dificuldades profissionais, ainda se exercem papéis considerados como efeito “Matilda”⁴ e o “Teto de Vidro”⁵, de tal forma que, em muitas situações, são impedidas de ascender em suas carreiras (Benedito, 2019; Conceição; Teixeira, 2020).

Por fim, foi indagado às pesquisadoras a relação da paternidade e a carreira profissional, a saber: “Você acredita que para os homens docentes (cientistas), no papel de pais, é mais fácil conciliar carreira profissional e vida pessoal/familiar?”. Verificou-se que 13 respostas confirmaram existir um conforto para os homens, justificado pela própria cultura a qual foram moldados, conforme se verifica nas falas das pesquisadoras:

Os homens são culturalmente adaptados a não se sentirem completamente responsáveis pelo cuidado à família. As crias (em geral) são cuidadas pela mãe. Isto é a realidade, mesmo que não concorde com ela [...]. (PD 13).

Certamente, visto que as tarefas domésticas e familiares ficam sob a responsabilidade feminina, condicionada pela sociedade (PD 12).

Diante desse contexto, Bitencourt (2019), em seus estudos (sobre os dilemas impostos às mulheres na contemporaneidade), afirmou que, apesar da inserção feminina nas universidades e no mercado de trabalho, esse fator reforça os obstáculos para a construção da equidade de gênero, justamente pela dificuldade de uso de tempo para

⁴ Barreiras que impedem as mulheres de ocuparem cargos e posições de poder, bem como compreender a posição do teto [é] um entrave para a ascensão das mulheres.

⁵ Termo utilizado para mostrar como as mulheres vão sendo expulsas da ciência ao longo de suas carreiras, impedindo que elas ocupem posições de liderança.

conciliar estudos, trabalho, e cuidados da família. A autora ainda nos chama a atenção ao revelar que socialmente as mulheres possuem uma sobrecarga quanto à dedicação maternal, que todo seu desempenho é considerado uma responsabilidade normal. Enquanto isso, os homens que por vezes desempenham seu papel (a paternidade) com maior afinco são vistos como verdadeiros heróis. Assim sendo, observou-se que esses fatores corroboram com o desconforto inferido nas afirmações coletadas da pesquisa.

Mulher, professora e pesquisadora do instituto federal do acre

No eixo temático “Mulher, professora e pesquisadora do Ifac”, foram agrupados 09 questionamentos que se relacionavam à escolha profissional, aos desafios e aos aspectos discriminatórios em relação ao gênero feminino, à docência no Ifac e à Iniciação Científica.

Com base no primeiro questionamento realizado às pesquisadoras: “O que contribuiu para sua escolha profissional (formação acadêmica)?”, foi possível agrupar as falas em três categorias: realização profissional, condição social, dificuldades/ desafios, conforme Figura 2.

Figura 2 – Apresenta os motivos que contribuíram para a escolha profissional (formação acadêmica), das pesquisadoras do Ifac



Fonte: Resultados da pesquisa, 2023.

Com base no questionamento: “Considerando sua atuação como professora pesquisadora do Ifac, você é uma profissional realizada? Fale sobre dificuldades/desafios relacionados a sua escolha profissional”, verificou-se nas falas das pesquisadoras que 8 das participantes afirmaram estar realizadas profissionalmente como docentes pesquisadoras no Ifac e expressaram fascínio pela profissão, assim como relataram que a escolha foi pautada conforme a circunstância socioeconômica representada, principalmente, pela possibilidade de empregabilidade. De acordo com uma das participantes, a escolha profissional se deu por incentivo familiar, que já apresentava no rol de suas

profissões a carreira docente. Foi afirmado também por duas participantes que não se sentem totalmente realizadas em suas profissões na instituição, frisando sentimentos de frustração quanto ao desempenho no ensino e na pesquisa. Foi perceptível o descontentamento em relação às atribuições, principalmente, quanto ao tempo para pesquisa científica, que é escasso, conforme as expressões citadas:

Sinto-me feliz, porém, não estou completamente realizada ainda. Tenho tido desafios em relação à saúde e conciliação de todas as tarefas que tenho (PD 6).

Não sou totalmente realizada, pois gostaria de atuar mais em pesquisa, no entanto, busco realizar atividades de extensão voltadas à divulgação científica (PD 7).

Nas análises observadas, obteve-se 4 professoras que não responderam de forma clara ao questionamento, e apenas uma afirmação disse não ser realizada em sua profissão.

Não sou realizada no IFAC. No que se refere a ensino, tento fazer o melhor que posso. Quanto à pesquisa, não vejo incentivo algum da instituição, pois o mais importante para a gestão do Ifac é professor em “sala de aula” (PD 11).

Na sequência, foi perguntado às participantes: “Considerando sua formação acadêmica (graduação, mestrado e doutorado), você considera que sofreu alguma forma de discriminação por ser mulher e pela sua escolha profissional?”. Nessa situação, conforme as 16 respostas analisadas, obtiveram-se oito respostas com relatos de discriminação. Seis participantes expressaram ter sofrido discriminação por ser mulher ao longo de sua profissão, enquanto apenas 2 não souberam afirmar no momento da pesquisa. Significativamente, foi possível inferir, com base nas respostas das participantes, acerca da falta de equidade no ambiente profissional, que existem fatores discriminadores em vários aspectos. Dessa maneira,

[...] estudos, de modo geral, abordam o problema analisando as mulheres adultas em seu processo de inserção profissional e laboral, atentando para as desigualdades salariais, ocupação de cargos de liderança e de decisão, sub-representação em determinadas profissões e suas articulações com as expectativas históricas e culturais em relação ao lugar social estabelecido para homens e mulheres nas sociedades ocidentais (Oliveira; Unbehaum; Gava, 2019).

Outra evidência destacada nas declarações foi quanto ao questionamento: “Durante sua vida acadêmica, considerando graduação, mestrado e doutorado, você percebeu que foi preterida de receber bolsa de estudo ou participar de algum projeto somente pelo fato de ser mulher”? Conforme as análises nas falas, quase em sua totalidade, as participantes disseram não ter sofrido preterição pelo fato de ser mulher, ao se referirem à contemplação de bolsas de estudos. Contudo, sobre esse eixo da pesquisa também se constatou que duas professoras disseram que nunca receberam bolsa de estudo. Diante dessa afirmação, logo não destacaram nenhum tipo de discriminação no meio acadêmico por ser mulher.

Consoante às afirmações anteriores, percebeu-se uma semelhança nas respostas analisadas quanto à atuação como professora e pesquisadora no Ifac, ao indagar: “Considerando o tempo de atuação do Ifac (docência/gestão), você percebeu alguma

forma de discriminação com relação ao fato de ser mulher?”. Em resposta, 12 (doze) docentes afirmaram que nunca perceberam essa atitude na instituição. Ainda sobre a temática, ao indagar: “Você considera que as professoras doutoras e os homens têm tido as mesmas oportunidades e/ou facilidades em desenvolver atividades de pesquisa, ensino e extensão no Ifac?”, verificou-se que 13 (doze) pesquisadoras consideraram que existe a prática de equidade nessa temática, enquanto três consideraram não possuir as mesmas condições.

Desta forma, foi possível verificar um desapontamento das professoras, sob alegações de que não recebem os mesmos incentivos, quando comparadas ao papel da mulher na ciência, exprimindo a falta de equidade.

[...]. É mais complicado para a mulher, conciliar trabalho e família. Ainda vivemos numa sociedade machista. (PD 5)

[...] Vejo com muita satisfação que temos a oportunidade de pesquisar, no entanto, as condições ainda não são muito favoráveis[...]. PD 11

Ainda muito fraca. [...] é preciso encontrar formas para melhorar a produção acadêmica, sobretudo no que se refere a recursos financeiros, infraestrutura e disponibilidade de carga horária. (PD 7)

Vejo a inserção da mulher no campo da ciência como um avanço. Todavia, ainda, é necessário que isso tenha uma maior divulgação do papel da mulher e as pesquisas que elas realizam. (PD 8)

Acho que tem pouco incentivo para produção científica no IFAC, as poucas que existem não são ações privilegiando o público feminino. (PD 11)

A partir dessa situação, é possível inferir que é importante promover uma discussão acerca das inquietações apresentadas pelos sujeitos da pesquisa. Nesse sentido, Sígolo, Gava e Unbehau (2021) afirmaram que, no Brasil, apesar do crescimento e importante investimento em ações políticas para o fomento de programas de equidade de gênero, que contribuam para o acesso às áreas das ciências, após 2016, segundo as autoras, o país apresentou um cenário político fervorosamente conservador, corroborado pela,

[...] descontinuidade e desqualificação dos avanços que se revelaram frágeis e limitados, alcançados no campo das políticas de promoção da equidade de gênero, com destaque à esfera da educação pública (Sígolo, Gava, Unbehau, 2021, p. 3).

Considerando o programa de Iniciação Científica do Ifac e a ativa participação das pesquisadoras doutoras, foi indagado: “Em relação ao tempo de docência no Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) e atuação como pesquisadora, você considera a equidade de gênero uma questão importante na escolha do(a) bolsista?” Dessa forma, de acordo com as respostas, foi possível observar que, na escolha do bolsista(a), é preponderante sua capacidade, igualdade, talento e/ou disposição. Outra situação pontuada, foi a paridade entre os gêneros, remetendo à ideia de ação equalizadora, configurando-se como ato de justiça e cidadania. Justificando-se algumas expressões mais citadas, foram:

Considero sempre o interesse dos alunos, e geralmente tenho meninas comigo (PD 1).

Eu considero importante garantir que todas as pessoas, independentemente do seu gênero, tenham as mesmas oportunidades, direitos e reconhecimento por seu trabalho e realizações. Isso inclui a participação igualitária de homens e mulheres em todos os campos, incluindo a docência e a pesquisa (PD 10).

Sempre colocamos a necessidade de PARIDADE. Isso é importante para a valorização de todas as alunas e de todos os alunos. Se o número de vagas é ímpar, priorizo as meninas. (PD 13).

Sobre a importância da Iniciação Científica e equidade como ferramenta que beneficia a inserção feminina na ciência, foi indagado às pesquisadoras: “Você considera que a Iniciação Científica pode contribuir com a equidade da participação feminina na ciência? Por quê?”. Conforme as respostas, as participantes expuseram uma reflexão do empoderamento feminino, expresso nas falas:

Sim. Muitas alunas podem se encantar pela pesquisa, quando em contato direto e praticando durante a iniciação científica (PD 2).

Sim, porque empodera e dá mais segurança e firmeza à mulher (PD 5).

Acredito muitíssimo que a iniciação científica pode contribuir com a emancipação feminina. Uma aluna ao iniciar algum tipo de atividade científica, ela pode vislumbrar outras metas e sonhos de vida, e não somente o sonho de constituir uma família. Para além disso, ela pode perceber todo o seu potencial, e buscar oportunidades de vida com as quais ela nunca nem havia imaginado até então (PD 7).

Deve oportunizar ampla participação das mulheres. O desenvolvimento e aplicação de uma pesquisa pode ser um estímulo para continuar atuando na ciência. Após uma experiência como esta, há um estímulo maior para aquisição de mais conhecimentos e progressão nos estudos (maior aperfeiçoamento) (PD 9).

Sim, eu fui bolsista de iniciação científica, o que me ajudou muito a seguir na graduação, mestrado e doutorado. A Iniciação Científica pode oferecer a todos os estudantes (mulheres e homens) uma oportunidade de ter um primeiro contato com a pesquisa científica. [...] proporcionar um ambiente de mentoria, que pode ser especialmente importante para as mulheres. Ter mentores que as orientem e apoiem em sua carreira pode ser um fator importante para superar as barreiras de gênero que ainda existem na ciência (PD 10).

Sim, pois, pode estimular mulheres a enveredar pela pesquisa (PD 12).

Sobre a visão das participantes relacionada à Iniciação Científica: “Como pesquisadora do Ifac, quais ações você recomendaria para a inserção da ‘menina’ no mundo científico, visando a formação de futuras pesquisadoras?” Constatou-se uma similaridade nas respostas, que foram ensejadas pela afirmação do empoderamento feminino. Nessa condição, a associação das respostas foi baseada nas afirmações de oportunidade, capacidade, estímulo e competência. Para as pesquisadoras, é importante realizar uma sondagem estudantil com vistas a conhecer as condições socioeconômicas dos alunos do Ifac, uma vez que o resultado dessa ação implicará na resolução de alguns problemas, tais como a permanência e o êxito do estudante, principalmente, para as meninas que acumulam responsabilidade domésticas e maternas.

Nas informações coletadas sobre essa temática, significativamente foram expressos alguns anseios pelas pesquisadoras, que consideraram importantes para a

inserção e formação de futuras pesquisadoras, ensejando políticas internas ao Ifac para a melhoria no campo da pesquisa científica. As expressões destacadas com maior apelo foram:

É fundamental garantir que meninas tenham não só acesso à educação de qualidade, mas sejam estimuladas a participar desses setores. [...] é importante que meninas vejam a carreira na ciência como opções viáveis ou possíveis, elas precisam ver que existem outras mulheres nesse caminho (PD 5).

Uma boa forma de inserir a “menina” no mundo científico seria a criação de projetos ou programas com esse fim específico (PD 8).

Bolsas específicas para Pesquisadoras e Alunas. Abrir projetos como este, mostrando o papel das pesquisadoras no IFAC (PD 13).

Baseado nas análises dos resultados da pesquisa, que teve como objetivo analisar o protagonismo histórico das doutoras pesquisadoras do Ifac na Ciência, com base em suas falas, ficou demonstrado que essas informações apresentaram um conjunto de sensações envolvidas na escolha e na vivência de suas profissões, que se apresentaram na forma de empoderamento e estima. Contudo, a pesquisa também revelou inquietações na execução das atividades docentes de pesquisa, considerando desafios, como: conciliar a maternidade, carga horária docente e a pesquisa científica.

Ivo e Ferreira (2019) nos chamam a atenção para o desafio enfrentado pelas mulheres na conciliação entre o trabalho e a maternidade e quanto aos impactos disso no campo familiar, afetivo, social, financeiro e profissional. Principalmente, para mulheres docentes e pesquisadoras, sobretudo, no magistério superior, no qual precisam se articular desde a gestação com o desenvolvimento das pesquisas e retomar ao campo científico, atrelado ao árduo desafio.

Portanto, situações identificadas na pesquisa, com base nas expressões citadas pelas envolvidas, por meio desse espelhamento, prospecta-se a necessidade do Ifac considerar o planejamento e efetivação de ações políticas internas, visando a melhoria dos aspectos ligados ao ensino e à pesquisa como ferramenta da inserção feminina na ciência, bem como empoderar as pesquisadoras no desenvolvimento profissional, considerando que a maternidade não seja mais um elemento limitador às pesquisadoras.

Justifica-se aqui o entendimento expresso na objetividade da pesquisa, a partir da escolha da linha de *Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos na Educação Profissional e Tecnológica (EPT)*, pelo sentido de contextualizar, em princípio, o protagonismo histórico, ou seja, memórias. Tal fato, nos permite compreender todo processo que circunda o docente do magistério superior, tornando-se necessário compreender sua trajetória acadêmica e profissional. Assim sendo, essa característica é assumida a partir das reflexões de como ocorreu ao longo do tempo sua “qualificação e suas escolhas profissionais” (Andrade *et al.*, 2011, p. 169).

Na continuidade da sondagem, de forma contextualizada, foi perguntado às participantes: “Com o objetivo de abordar a Iniciação Científica e sua interface como programa institucional, curricular e suas vantagens na construção emancipadora do sujeito, assim como os desafios das mulheres na ciência, memórias e seus caminhos percorridos, você acredita que de um produto educacional, voltado para essa temática,

poderá causar algum impacto na condução acadêmica e profissional do público feminino no Ifac? Como essa abordagem pode ocorrer no cotidiano escolar?”

Afirmações, como produções excelentes, iniciativa e estímulo, valorização do trabalho, divulgação, iniciativa, foram algumas das expressões que soaram como elemento significativo para a Iniciação Científica, de acordo com 16 respostas obtidas, e que poderá colaborar conforme o objetivo proposto. Assim, constaram afirmações como:

Vejo a iniciativa como uma ferramenta de estímulo para muitas pessoas e valorização do nosso trabalho. (PD 3)

Pode repercutir como um incentivo às profissionais em continuar o seu trabalho e para estudantes em conhecer mais e buscar se inserir nas atividades de pesquisa. (PD 9)

Sim, pois possui uma representatividade para as mulheres que desejem enveredar pelos mesmos caminhos de ciência e pesquisa. (PD 12)

Sim. [...] servidores do Ifac e de outras instituições, além das estudantes, podem ser incentivadas a participar de pesquisa e percorrer o caminho da pesquisa durante suas trajetórias profissionais. (PD 14)

Seguindo um dos elementos previstos na consolidação da pesquisa, foi perguntado: “Que frase que lhe representa como pesquisadora, considerando sua linha de atuação?” Nas respostas expressas pelas participantes, ficou evidenciado que o item sondado não atingiu o objetivo, visto que as expressões contidas no questionário não se restringiram às frases representativas. Contudo, nas afirmações coletadas, correspondentes ao questionamento solicitado, destacaram-se as seguintes frases:

“Se o mar não é para peixe, criar novos meios de pescar é papel da cientista com sua pesquisa e com a criatividade de mulher que, se desdobra buscando seu aprimoramento, para melhorar o mundo em que vivemos”. (PD 2)

“O conhecimento serve para encantar as pessoas, não para humilhá-las.” Mário Sérgio Cortella (PD 3)

“Descubra o poder que tem em você e use-o para realizar seus sonhos e objetivos. Você pode!” (PD 5)

“A ciência é a vela que ilumina a escuridão da ignorância”. (Carl Sagan). (PD 7)

“Carne de frango não tem hormônio!” (PD 14)

Deste modo, esta pesquisa foi abarcada principalmente com base nas expressões contidas no processo histórico das mulheres pesquisadoras do Ifac, a partir da perspectiva delas sobre a temática discutida. Não se configurou aqui pensamentos feministas ideológicos, mas somente revelações de sensações de pertencimento, com base em seu protagonismo no âmbito profissional e acadêmico. Todavia, ficou evidenciado, nas análises das expressões discutidas na pesquisa, a presença das assimetrias de gênero.

Gonçalves e Reis (2021) afirmaram que nem todas as mulheres se encontram no feminismo. Contudo, discutir sobre o gênero, é necessário que haja mecanismos que levem aos debates de forma interseccional e transversal, considerando outros fatores, como classe e raça, abrangendo um público maior (Gonçalves; Reis, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo abordou o protagonismo das professoras pesquisadoras na Ciência no Ifac, a partir da compreensão de quem atua na Educação Profissional e Tecnológica (EPT). A coleta de dados ajudou no delineamento dos sujeitos da pesquisa quanto à percepção de como se sentem, com base nos eixos temáticos, consoante as respostas apresentadas pelas participantes. Destaca-se que os resultados da pesquisa trouxeram informações acerca da importância da visibilidade feminina na ciência, da necessidade de apoio financeiro por parte das instituições como forma de valorização para carreiras aqui vinculadas ao desenvolvimento do ensino, pesquisa e extensão na Educação Profissional e Tecnológica.

O estudo revelou que, apesar do avanço feminino nos espaços científicos e o sentimento de realização profissional como cientista na Rede Federal de Ensino, mesmo não havendo barreiras institucionais no Ifac, ainda há a necessidade de um profundo olhar para a equidade de gênero no campo profissional e científico, por meio de incentivos voltados às mulheres. Nessa situação, consideram-se os desafios, como a maternidade, visto que é necessária uma maior extensão no processo de execução das atividades nos projetos de pesquisa, tanto pelas pesquisadoras quanto pela bolsista envolvida.

Outro fator importante revelado na pesquisa, configurou-se no desconforto das pesquisadoras quanto à carga horária docente que se limita às normas institucionais, e que, por vezes, impacta no desenvolvimento de pesquisas científicas, quando se confronta com a maternidade (cuidados com lar e filhos).

Nesse sentido, verificou-se que trazer essa abordagem ajuda na divulgação e sistematização das informações no campo científico. Ademais, o estudo demonstrou que a temática ajuda no fortalecimento da Iniciação Científica e ao estímulo para as meninas no interesse e o ingresso na ciência como futuras pesquisadoras.

Objetivamente, este estudo não possuía a intenção de se debruçar diretamente sobre o debate das desigualdades de gênero no Ifac. No entanto, enfatiza-se a relevância para formação de debates para a articulação de atividades em favor das mulheres. Portanto, é de suma importância abrir caminhos (programas) que tenham um maior alcance para inserção feminina no mundo da pesquisa científica e a potencialização no empoderamento feminino, a partir da educação básica nos Institutos Federais, fazendo jus ao seu papel institucional e social para o desenvolvimento regional e local das localidades geográficas de menor potencial econômico.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, E.; MÜLLER, M.; HOGEMANN, E. A produção científica e a maternidade sob a ótica epistemológica da objetividade forte. *Plurais-Revista Multidisciplinar*, v. 7, 2022, p. 1-19.
- ALMEIDA, M. R. R.; RIBEIRO, P. R. C.; VILAÇA, M. T. M. Tornar-se cientista: narrativas de mulheres pesquisadoras no continente antártico. *Diversidade e Educação*, 2020, p. 96-122.
- ANDRADE, D. M. de. *et al.* O perfil dos docentes da ESEF/UFPEL através do currículo Lattes. *Revista Didática Sistêmica*, 2010, p. 165-177.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: edições 70, 2016.

- BENEDITO, F. O. Intrusas: uma reflexão sobre mulheres e meninas na ciência. *Ciência e Cultura*, v. 71, n. 2, 2019, p. 06-09.
- BITENCOURT, S. M. A maternidade para um cuidado de si: desafios para a construção da equidade de gênero. *Estudos de Sociologia*, v. 24, n. 47, 2019.
- BRASIL. *Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008*. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2008.
- CONCEIÇÃO, J. M.; TEIXEIRA, M. R. F. A produção científica sobre as mulheres na ciência brasileira. *Revista Contexto & Educação*, v. 35, n. 112, 2020, p. 280-299.
- INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ACRE. *Resolução nº 27/CONSU/IFAC, de 22 de julho de 2019*. Disponível em: <https://www.ifac.edu.br/orgaos-colegiados/conselhos/consu/resolucoes/2019/resolucoes-2019-1/resolucao-consu-ifac-no-27-2019>. Acesso em: 26 maio 2023.
- INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ACRE. *Resolução nº 84, de 22 de julho de 2022*. Dispõe sobre a aprovação do Regulamento da Pesquisa, Empreendedorismo, Inovação e Pós-Graduação no âmbito do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre. Rio Branco: CONSU.
- INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ACRE. *Resolução CONSU/IFAC nº 116/2022, de 21 de dezembro de 2022*. Dispõe sobre a Regulamentação das Atividades Docentes (RAD) dos (as) Professores (as) do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre.
- INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ACRE. *Portaria de Pessoal Ifac nº 227, de 24 de fevereiro de 2023*. Institui os prazos para atualização do currículo *Lattes* dos servidores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre – IFAC no ano de 2023.
- IVO, A. A.; FERREIRA, C. F. Maternidade e Produção Científica: Análise dos editais de fomento à pesquisa nas Universidades Públicas do Rio Grande do Sul. *Diversidade e Educação*, 2019, p. 165-182.
- GIL, A. C. Como classificar as pesquisas. *Como elaborar projetos de pesquisa*, v. 4, n. 1, p. 44-45, 2002.
- GIL, Antônio Carlos. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- GIOTTO, J. C.; GIOTTO, C. P.; BALKE, M. Ee. Reflexões sobre a educação profissional e tecnológica e a organização dos Institutos Federais no Brasil. *Encontro Nacional de Educação (ENACED) e Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)*, n. 2, 2022.
- GUIMARÃES, S. S. M. L.; DAOU, S. S. Divisão sexual trabalho, trabalho reprodutivo e as assimetrias de gênero na pandemia da COVID-19. *Revista Direito e Sexualidade*, v. 2, n. 1, 2021.
- BRASIL. *Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008*. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2008.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. [Reimp]. São Paulo: E. P. U, 2012.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. [Reimp]. São Paulo: E. P. U, 2018.
- MORAIS, A. F.; SOUSA, R. A.; FARIAS, R. S. O.; WOLTER, P. F.; LOBÃO, M. S. P. Iniciação científica como caminho para a emancipação do aluno vinculado ao Ensino Médio Integrado. *Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica*, v. 1, n. 22, 2022, p. e12031-e12031.
- MORAES, M. C. C.; AZEVEDO, J. M. A.; AZEVEDO, H. S. F. S.; SOUZA, Tiago Ramos de. Um olhar sobre a Educação Profissional: motivos e enfrentamento da evasão no Instituto Federal do Acre, *Campus Cruzeiro do Sul. Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, v. 11, n. 5, p. e48811528561-e48811528561, 2022, p. e48811528561-e48811528561.
- MORAES, M. C. C. *Acolhimento Estudantil como Prática Escolar na EPT: uma busca pela permanência e superação da evasão*, 2022. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica). Instituto Federal do Acre, Rio Branco, 2022.
- MOTTA, J. A.; FIÚZA, A. L. C. Mulheres na ciência: uma análise sistematizada dos artigos científicos publicados no Brasil pós-década de 1990. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, v. 15, n. 46, p. 46-63, 2022.
- OLIVEIRA, E. R. B.; UNBEHAUM, S.; GAVA, T. A educação STEM e gênero: uma contribuição para o debate brasileiro. *Cadernos de Pesquisa*, v. 49, 2019, p. 130-159.

SÍGOLO, V. M.; GAVA, T.; UNBEHAUM, S. Equidade de gênero na educação e nas ciências: novos desafios no Brasil atual. *Cadernos Pagu*, 2021.

SILVA, F. F.; RIBEIRO, P. R. C. Trajetórias de mulheres na ciência: “ser cientista” e “ser mulher”. *Ciência & Educação (Bauru)*, v. 20, 2014, p. 449-466.

SILVESTRE, A. L.; ÁVILA, F. G., SANTOS, F. O.; PEREIRA, C. C. Q. Cortes orçamentários na educação: uma ameaça à expansão e consolidação da rede federal de educação profissional e tecnológica. *Revista Educação e Políticas em Debate*, v. 11, n. 2, maio/ago. 2022, p. 669-687.

SOUZA, F. C. S.; MEDEIROS NETA, O. M. Educação Profissional e Tecnológica no Brasil no século XXI: expansão e limites. *Educação Profissional e Tecnológica em Revista*, v. 5, n. 2, 2021, p. 109-125.

WANER-MARIQUITO, R.; SACHS, J. P. D.; COSTA, C. L.; EKUNI, R. Análise da produção acadêmica: desvelando o estereótipo da mulher “menos cientista”. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, v. 15, n. 46, 2022, p. 212-225.

Autor correspondente:

Irla de Oliveira Vidal
Instituto Federal do Acre
Av. Brasil, 920 - Xavier Maia, Rio Branco/AC, Brasil.
irla.vidal@ifac.edu.br

Este é um artigo de acesso aberto distribuído
sob os termos da licença Creative Commons.

